

Laé de Souza

As melhores crônicas



dos projetos de leitura

Volume 2

ECOARTE
EDITORA



Projetos de Leitura

Autor - Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Volume 2

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



Esta obra concretiza uma ideia de reunir os melhores textos elaborados pelo alunos participantes do projeto “Ler é Bom, Experimente!” em um livro. Os alunos desenvolveram várias atividades, a partir da leitura da obra “Nos Bastidores do Cotidiano”, concluídas com a elaboração de um texto. A primeira seleção foi efetuada pelo professor, escolhendo, entre os textos produzidos por seus alunos, o melhor, para concorrer ao prêmio de participar desta edição.

As etapas posteriores de avaliação para a escolha das 50 melhores crônicas foram realizadas pelos alunos dos cursos de Letras da UNICID – Universidade Cidade de São Paulo, coordenadas pela Prof.^a Dra. Luciana Gimenes P. dos Santos e Prof. Ms. Leandro Tadeu Alves da Luz, numa parceria da universidade com o “Projetos de Leitura”.

Além de se deliciar com a leitura dos textos produzidos pelos alunos, o leitor terá ainda uma crônica de minha autoria e outra, belíssima, do escritor Pedro Bandeira.

Agradeço aos professores que conduziram o projeto nas suas escolas, a Cia de Seguros Aliança do Brasil, que patrocina o projeto pelo terceiro ano, e felicito os autores escolhidos a compor esta obra. A alegria desse resultado é de vocês, autores, e também de seus professores e colegas.

Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Laé de Souza

Coletânea dos textos dos alunos participantes
dos projetos Ler é Bom, Experimente! e Minha Escola Lê

Volume 2 | 2013

1ª edição em 2010



Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
As melhores crônicas dos projetos de leitura
Volume 2 / Laé de Souza. -- 3. ed. --
São Paulo : Editora Ecoarte, 2013.

ISBN: 978-85-87588-28-9

“Coletânea de textos dos alunos participantes
do Projeto Ler é Bom, Experimente!”.

1. Crônicas brasileiras - Coletâneas I. Título.

10-08010

CDD-869.9308

Índices para catálogo sistemático:
1. Coletâneas : Crônicas : Literatura
brasileira 869.9308
1. Crônicas brasileiras I. Título.

Assessoria e Produção Editorial:

G2R Comunicação

Ilustrações:

Rucke

Capa: *Marcel Guido*

Fotografia: *Sergio de Paula*

Revisão: *João Batista Alvarenga*

Agradecimento especial

Agradeço aos professores, parceiros nesta jornada de formar novos leitores. Os textos dos alunos é o resultado de um trabalho de leitura e atividades desenvolvidas, nas escolas, com a finalidade de fazê-los descobrir o grande prazer do ato de ler. E os professores são os grandes maestros, condutores dessa empreitada. Muitos me acompanharam nesses mais de doze anos de projetos de leitura nas escolas, por todos os cantos do Brasil.

Ao escritor Pedro Bandeira, conhecido de todos os professores e, com vários livros utilizados no incentivo à leitura no ambiente escolar que, gentilmente cedeu um dos seus textos para fazer parte desta coletânea, o que muito nos honra.

Aos amigos, colaboradores dos projetos de leitura, que viabilizam tornar-se realidade esse sonho de um Brasil Leitor.

Aos alunos, escritores, que tiveram os seus textos escolhidos para compor esta edição, segunda dos participantes do projeto “Ler é Bom, Experimente!”.

Não temos a pretensão de torná-los escritores, mas sim de fazê-los perceber que é possível discutir, compreender e reescrever um texto com a sua percepção e com nova conotação.

Interessante, que muitos dos meus personagens tiveram finais diferentes nas histórias criadas pelos estudantes. Deixou-me feliz que o Dentinho, personagem que, no texto original, sofre pela pobreza e falta de oportunidade, entra para o crime, com um resultado nefasto, tenha em muitas outras versões escritas pelos alunos um final feliz.

Também me chamou a atenção o fato de que mesmo os que atribuíram a sorte a sua mudança, o colocaram como estudante e, a partir dos estudos, tenha mudado o seu destino. Para muitos, a sua sorte foi ter encontrado a oportunidade de estudar. É sem dúvida uma grande esperança perceber que os jovens veem a educação como possível de mudar o destino das pessoas, e que só pela educação poderemos ser vencedores.

Deixa-me muito feliz que estejam comigo nesse trabalho e desejo que se tornem leitores e, também, incentivadores da leitura para que tenhamos um país melhor!

Boa leitura a todos!

Laé de Souza

Índice - Por autor

Laé de Souza	
É difícil?	08
Pedro Bandeira	
Lição de briga	11
Letícia Ferreira Chagas	
Dentinho	13
Bruna da Rosa Santos	
Carne ou Lagosta?	14
Itamara Maria de Jesus Oliveira	
Corrente solidária pela salvação do Planeta Terra	16
Ana Paula Cristóvão	
Nossos Sonhos	18
João Henrique Nunes	
“Maluco Beleza” vai ao restaurante	19
Laís da Silva Pereira	
A vingança do número 10	21
Sandra Carvalho de Souza	
Dia de Verão	23
Fransuelle Antônia Leal	
Dois amigos e uma história	24
Richard Alecsander Reichert	
Coloca o dez	26
Daiane Madeira Marques	
Maluco Beleza na Escola	27
Stephani Silva Tavares	
Esmeraldo e o dia difícil	28
Lídia Duarte Ferreira	
Lampião de Araque	30
Wemerson José da Silva	
“Maluco Beleza”, o conquistador	32
Patrício de Jesus Quaresma de Vilhena	
A prece do Zé Pinguinha	34

Nayara Priscila Amorim	
“Maluco Beleza” no Hospital	35
Mickaela Alves dos Santos	
Dentinho e o “Maluco Beleza”	37
Maressa Karoline dos Santos Moraes	
A realidade do mundo	39
Jacqueline Martins Pereira	
A Filha do “Tira o Dez”	41
Natalycio Lucas Alves Mouzinho	
Dentinho, o “sem-terra”	42
Lígia Berto Pinto	
E se o Mundo acabasse?	44
Daiana Aparecida Carneiro da Cruz	
Inveja	45
Letícia Cristina Soares da Silva	
Nem tudo o que queremos, conseguimos	46
Maiza Batista da Silva	
Remédio para a Alma	48
Francisca Zulmira de Sousa Diniz	
A Mudança do Dentinho	49
Lucas Oliveira Silva	
Casa de Praia	51
Leonardo Cocco Oliveira	
A mudança de Esmeraldo	53
Luiz Gustavo Aguiar dos Santos	
Um bom goleiro	55
Aline Zilio	
Esmeraldo leva um grande susto	56
Kevin Mendonça Ulian	
“Maluco Beleza” vai à praia	57
Talita de Oliveira Ventura	
“Maluco Beleza”, o menino dos apelidos	59
Priscilla Alves Vilela	
Zé Pinguinha e Luandécia	61

É difícil?

Laé de Souza

Confesso que foi.

Foi preciso que eu me livrasse de muitos preconceitos.

Que quebrasse um orgulho adulto e de que, como criança, perguntasse.

Que lembrasse de um passado, desde menino, não com nostalgia, mas como aprendizado.

Que tivesse a coragem de ver como párvulo e pensar como doido.

Foi preciso rebuscar remotas fases da infância em que se achava beleza em coisas tristes e não deixar escapar.

Foi preciso exercitar uma sensibilidade de fêmea e uma imaginação histórica de criança.

Foi preciso que interpretasse, no riso, a graça e não o sarcasmo, mesmo quando fosse.

Que não me deixasse abalar pelos que não sentem o prazer na poesia, nem se embalam numa descomprometida prosa.

Foi preciso que, num momento de coragem, me expusesse a um amigo e, depois com mais coragem ainda, a uma pessoa e depois a desconhecidos.

Foi preciso que eu percebesse que sentia prazer.

Foi preciso que, mesmo não estando com o coração de amante, sentisse a beleza da lua, das estrelas e me extasiasse diante de um pôr de sol, sem me envergonhar.

Foi preciso que eu me encorajasse a beijar na rua como um adolescente.

Foi preciso que eu encontrasse velhos que pensam como crianças e acreditam que têm um futuro longo de muitas

brincadeiras, que só devem ser interrompidas para coisas importantes como comer e beijar.

Foi preciso que eu tivesse coragem de me deixar ser visto chorar.

Foi preciso que eu alçasse voos sem sair do chão e criasse visões.

Que eu não me envergonhasse em ensaiar novos passos, em observar os mais exímios dançarinos e, sobretudo, não me inibisse a tentar, novamente, ao tropeçar na dama.

Foi preciso que tivesse a ousadia de não censurar a mim mesmo.



Foi preciso que eu sentisse prazer e, às vezes, até chamasse a insônia.

Foi preciso que eu me desnudasse e rompesse o hímen.

Hoje, não é preciso muita força para arrancar, amigo. Mas, o primeiro canto d'alma, que saiu desafinado e acanhado em forma de poesia, foi difícil, difícil, difícil... Dificílimo.

Lição de briga

Pedro Bandeira

Menino de praia, franzino, mas igual a todos os meninos daquela mesma praia era eu aos sete anos. Na época, falava-se muito de um grande campeão de Box, o americano Joe Louis. Não havia televisão e, fascinado, eu, atento, ouvia os mais velhos a narrar às façanhas do imbatível boxeador.

Mais tarde, diante do espelho, eu procurava reproduzir os movimentos felinos que ouvira Joe Louis fazer para vencer seus adversários e lá ficava a gingar meu magro esqueleto, sentindo-me um vencedor, no centro do meu ringue imaginário.

Certa vez, uma divergência entre mim e o filho do barbeiro resultou em uma briga. Enfrentamo-nos e, na hora, lembrei-me das lições do grande campeão. Assim, recusei-me ao agarra-agarra típico das briguinhas de meninos, e pus-me a gingar, a soltar meus minúsculos punhos, em busca de uma brecha na guarda do meu pequeno oponente.

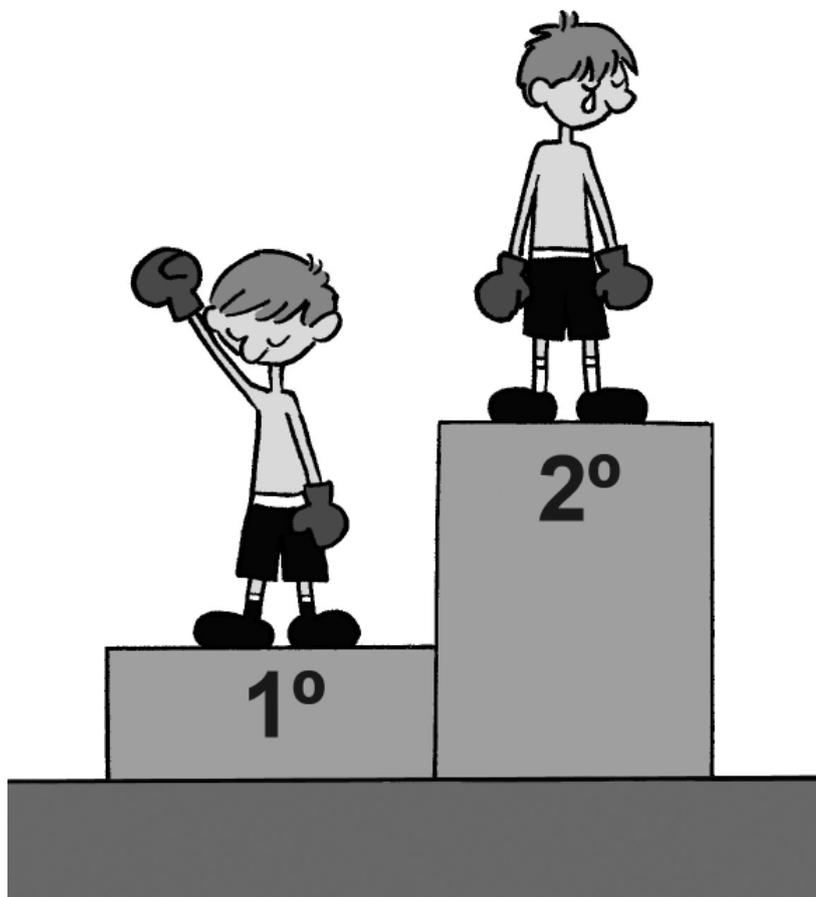
A balbúrdia atraiu os desocupados e, logo, vimo-nos cercados por um grupo de adultos que ria e açulava nossa contenda. Foi aí que meus treinos, à frente do espelho, deram resultado e meu punho enfiou-se entre os braços do menino, indo acertar seu rosto em cheio.

Sucesso! Os adultos irresponsáveis, que nos assistiam, deram-me a primeira salva de palmas de minha vida. Mas, embora meu punho de frangote nem tenha causado qualquer dano ao filho do barbeiro, vi-o parar, olhar para mim e... desatar no choro!

Na mesma hora, meus ouvidos não mais ouviam o sadismo

da plateia e eram superadas pelas lágrimas que eu arrancara do rosto do meu pequeno adversário.

Nunca saberei o que aquele incidente causou ao filho do barbeiro, mas o que causou em mim foi indelével, pois, a partir daquele momento, aprendi que nunca mais na vida eu buscaria qualquer sucesso que fosse resultado da dor de outra pessoa.



Dentinho

Autora: Leticia Ferreira Chagas

Professora: Marilda Santana Peres

Colégio Estadual de Douradina - EFM

Douradina - PR

Eram 7 horas da manhã. Dentinho ouve uma voz suave lhe acordando:

- Acorda filho! Tá na hora de ir para a escola.

Então, Dentinho levanta-se, toma banho, arruma-se todo e desce para tomar café. Na cozinha, ele vê uma mesa cheia de coisas, gostosuras de todos os tipos. Senta-se com sua família e se farta daquelas delícias.

Logo depois, sua mãe coloca um gostoso sanduíche em sua lancheira para levá-lo à escola. Ele se despede da mãe e segue com seu pai em direção ao carro. Quando, de repente, escuta uma voz grossa e agressiva:

- Menino maldito! O que pensa que está fazendo?

Foi, então, que Dentinho abriu os olhos e percebeu que estava sonhando acordado. Soltou, ligeiro, a maçaneta do carrão daquele ricaço, pegou suas bugigangas e voltou a oferecê-la aos donos dos carros, enquanto o farol não abria.

Carne ou Lagosta?

Autora: Bruna da Rosa Santos

Professora: Ivone Bernardes

Escola Estadual Dr. Genésio Cândido Pereira

São Bento do Sapucaí - SP

Em um restaurante de São Paulo, Geraldo trabalha como garçom, há muitos anos, e é muito experiente. Por isso, já sabe lidar com alguns casos de reclamação dos clientes. Porém, num certo dia, o episódio foi diferente. Vendo que um casal tinha acabado de sentar, foi logo levando o cardápio.

Depois de olharem, Geraldo disse:

- O que o senhor e a senhora vão querer?

O cliente respondeu:

- Acho que vou querer carne ao molho madeira. Assim que Geraldo acaba de anotar o pedido, o cliente disse:

- Não... pensando melhor, acho melhor lagosta.

Geraldo percebeu a dúvida do homem, que acrescentou:

- Mas, estou com uma vontade de comer carne ao molho madeira... carne ao molho madeira por favor! Então, a mulher, interrompendo o marido, reclamou:

- Mas, já comemos carne ao molho madeira ontem!

- É verdade, mas...

Geraldo interrompeu o cliente, já quase perdendo a paciência:

- Me desculpe, mas vai ser carne ou lagosta?

Nisso, o cliente disse carne e sua mulher lagosta. Geraldo, já com a paciência esgotada, disparou:

- Esta mesa está reservada para outro cliente ou vocês entram

num acordo ou ficarão sem comer.

Faminto, decide o homem:

- Lasanha, por favor!

Corrente solidária pela salvação do Planeta Terra

Autora: Itamara Maria de Jesus Oliveira

Professora: Andréia Pereira Flores

Escola Municipal Alcides Cordeiro

Condeúba - BA

Maluco Beleza, Orlei, Dentinho, Luandécia, Esmeraldo, Magrão, Zé Pinguinha e Izildinha foram selecionados para participar de uma corrente solidária em prol do nosso Planeta Terra.

Eles promoveram uma grande campanha para orientar a população sobre os imensos problemas que estão ocorrendo em nosso planeta.

O lema da campanha era: “A vida do Planeta Terra é de responsabilidade de cada um”. Assim, eles saíram em passeata, fizeram palestras para mostrar que é necessário se preocupar com a vida no mundo.

Pregavam a implantação de sistemas de coleta de esgoto, a remoção do lixo das ruas, reflorestar a Amazônia, além de diminuir 50% da emissão de CO₂ como medidas fundamentais para amenizar os problemas ambientais.

Além do mais, é necessário aumentar a quantidade de trabalhadores envolvidos com o processo de reciclagem e orientar

a população a separar o lixo orgânico do reciclável, já que, atualmente, as pessoas misturam tudo.

Dessa forma, nosso Planeta teria uma grande chance de melhorar, pois a vida na Terra é uma responsabilidade de cada um nós e de todos. O grupo da corrente solidária vem fazendo sua parte.

Que tal você fazer a sua? Pense em suas ações e em que isso vem contribuindo para a salvação desse lindo planeta azul!

Nossos Sonhos

Autora: Ana Paula Cristóvão

Professora: Marisa Montagner Weber

Colégio Estadual de Ilópolis

Ilópolis - RS

Todos nós, meninos e meninas de rua, sonhamos em sair dessa situação, ter uma família, casa, comida na mesa. Nem todos têm privilégio de nascer em uma família. Por mais que seja difícil ganhar dinheiro para sustentar uma família, nem todos desistem e buscam forças, nos filhos mais novos, para continuar a viver.

Eu penso que, um dia, terei uma chance de mudar meu destino. Nas ruas, vivemos no meio das drogas e, desse modo, estamos sujeitos a entrar nessa enrascada mais do que outras pessoas que vivem em família.

Sou uma menina sonhadora, sonho que vou ter uma casa, ter comida na mesa, ter dinheiro para viver e, o mais importante, ter família. Sei que o destino me reserva muitas surpresas boas e ruins, vou tentando sobreviver. Ganho dinheiro, pelas ruas, com meu canto e meu violão, que são as únicas coisas que tenho e mais nada.

Já pedi a muitas senhoras para que me levem para morar com elas, mas ninguém aceita uma menina de rua em sua casa.

Assim, sou feliz do meu jeito. Brinco com os meninos da rua, mas nunca vou desistir de ter uma família, ganhar dinheiro trabalhando em um lugar digno, não nas ruas.

Enquanto isso não acontece, vou procurar ficar bem longe das drogas e ganhar o pouco de dinheiro que eu ganho todos os dias.

“Maluco Beleza” vai ao restaurante

Autor: João Henrique Nunes

Professora: Márcia Terezinha Gimenes

Escola Estadual Olavo Bilac

Ibiporã - PR

Numa tarde, “Maluco Beleza” estava com muita fome, viu um restaurante e entrou. Olhou o cardápio e pediu uma sopa. Então, Esmeraldo, o garçom, anotou o pedido. Depois de mais ou menos vinte minutos, sua sopa chegou e Esmeraldo perguntou:

- Vai querer mais alguma coisa senhor?

E ele respondeu:

- Não “Bigodinho 4”, só isso. Então, Esmeraldo ficou uma fera, mas se segurou para não sair na pancada.

Quando o “Maluco Beleza” estava quase terminando de tomar a sopa, quando, então, lembrou-se:

- Nossa! Eu estou sem dinheiro! E agora? Nisso, Esmeraldo traz a conta e sai de perto da mesa por alguns instantes. Foi, então, que o “Maluco Beleza” teve uma ideia!

- Se eu colocar um fio de cabelo na sopa e falar que é de alguém da cozinha eu não pago a conta! Assim, arrancou um “tufo” de cabelos e o colocou na sopa. Depois, ele chamou Esmeraldo:

- O “Bigodinho 4”! Venha cá, por favor. - Esmeraldo foi, vermelho como uma pimenta malagueta de tanta raiva, e

falou:

- Olhe aqui, senhor! Eu não sou “Bigodinho 4” não. Sou Esmeraldo Alcântara da Silva. E este é meu ultimo aviso: se o senhor me chamar de “Bigodinho 4”, mais uma vez, eu lhe processo por danos morais, sabe quanto eu posso lhe tirar em um processo? Então, é bom o senhor parar de brincadeiras!

- Esta bem! Esta bem! Desculpe-me, eu só estava brincando com o senhor. Mas, mudando de “gato pra lebre”, eu quero fazer uma reclamação. Tem um fio de cabelo na minha sopa. Então, Esmeraldo pegou o fio e falou:

- Mas, senhor, este fio de cabelo não é de ninguém que trabalhe neste restaurante. Aqui, pois sempre tomamos todo o cuidado com isso.

- Como não? Este cabelo vai ser de quem, do Sílvio Santos?

- Bom, meu é que não é, pois ele é ruivo e o meu é moreno. Quer que eu chame os cozinheiros aqui?

- Sim, chame-os.

Esmeraldo os chamou e eles retiraram os chapéus e o “Maluco Beleza” levou um susto, pois todos eram carecas. Meio sem graça, ele perguntou:

- Tem algum prato para levar?

A vingança do número 10

Autora: Laís da Silva Pereira

Professora: Maria Luiza Dias Pereira

Escola Estadual Dr. Genésio Cândido Pereira

São Bento do Sapucaí - SP

Você sabe que é muito difícil as pessoas mudarem. Mas, isso que aconteceu não foi uma mudança qualquer, foi um milagre.

No futebol brasileiro, surgiu um novo craque, sabe quem era? O “Camisa 10”, o que completava sempre o time.

Em um domingo, ele estava jogando, no Pacaembu, e a plateia vibrava. Quando ele observou bem os torcedores, reconheceu um rosto de um jovem torcedor. E pensou: “É aquele pirralho que sempre gritava para eu sair.”

Lembrou-se do seu tempo amargo de jogador de várzea, quando era ruim de bola, e o garoto que assistia às peladas gritava para tirá-lo de campo, sempre aos gritos de: “Tira o dez, tira o dez”.

Com isso, ele ficou louco e, como o menino torcia por seu time, ele resolveu marcar um golão bem na frente do moleque.

Ele driblou um, driblou dois e deu um chapeuzinho no jogador da defesa, ajeitou a bola no peito e mandou uma bomba. Sabe o que aconteceu? A danada da bola passou raspando a trave.

E, para piorar a situação, o menino gritou: “Tira o número 10”, como ele perde um lance desse? Com muita raiva, o “ca-

misa 10^o tirou a chuteira e jogou com toda força na direção do menino; mas, sem querer, atingiu uma mulher que estava ao lado do garoto. A agressão não ajudou em nada, pois acabou expulso do campo sob uma chuva de tapas.

Dia de Verão

Autora: Sandra Carvalho de Souza

Professora: Valdirene da C.L. Rodrigues

Escola Municipal Pingo de Gente

Licínio de Almeida - BA

Em um dia de verão, eu estava na praia, observando duas crianças brincando na areia. Elas se empenhavam muito para construir um lindo castelo de areia. Com torres, passarelas e passagens internas.

Quando estavam quase acabando, veio uma onda e destruiu tudo, reduzindo o castelo a um monte de areia e espuma. Achei que, depois de tanto esforço e cuidado, as crianças cairiam no choro, mas estas correram pela praia fugindo da água, rindo de mãos dadas e começaram a construir outro castelo.

Compreendi que havia aprendido uma grande lição: muitas vezes, gastamos tempo da nossa vida construindo alguma coisa e, mais cedo ou mais tarde, uma onda poderá vir e destruir tudo o que levamos tanto tempo para construir.

Todavia, quando isso acontecer, somente aquele que tem as mãos de alguém para segurar será capaz de sorrir. Só a amizade, o amor e o carinho nos pertencem. O resto é feito de areia...

Dois amigos e uma história

Autora: Fransuelle Antônia Leal

Professora: Nilva P. Schener

EMEF Vila União

Primavera do Leste - MT

Era um dia de segunda-feira, iniciavam-se as aulas e dois amigos iam juntos para o colégio. Um se chamava Jonas e o outro Esmeraldo, completamente de gênios diferentes. Os amigos passavam quase o tempo todo juntos. Porém, o tempo passou célere e, quinze anos depois, Jonas e Esmeraldo já eram adultos.

Jonas encasquetou que queria ficar rico, e sua família o incentivou a jogar na Mega-Sena.

Assim, ele disse que tentar a sorte não lhe custaria nada. Então, três dias se passaram e Jonas recebe a notícia de que estava rico. No outro dia, encontrou-se com Esmeraldo, chamou o amigo e disse:

-Não quero ser mais seu amigo, porque você é pobre, e eu não me misturo com esse tipo de gente. Nisso, Esmeraldo ficou muito triste.

Depois de alguns meses, o médico de Jonas, o senhor Manoel, chama-o, urgente, no seu consultório e lhe deu uma triste notícia: teria somente seis meses de vida.

Arrasado, Jonas decide gastar todo o seu dinheiro divertindo-se. Cinco meses depois, Jonas descobre que foi um erro da

Medicina. Passado alguns dias, Jonas resolve ir procurar seu velho amigo, Esmeraldo. Esmeraldo, ao vê-lo, diz:

- Ora! Ora! Quem eu vejo por aqui! O que está fazendo nesta rua pobre?

Jonas responde:

- Não sou mais rico e estou precisando de você.

Esmeraldo diz:

- Sinto muito! Hoje, estou rico, porque subi na vida honestamente e nem, por isso, rejeitei as minhas origens.

Moral da história: “Nunca despreze alguém, quando estiver subindo, pois, um dia, você pode encontrá-lo, quando estiver descendo”.

Coloca o dez

Autor: Richard Alexander Reichert

Professora: Thabita Pera Moreti

Escola Municipal Professora Badia de Faria

Navegantes - SC

Depois de jurar que nunca mais colocaria os pés em um campo de futebol, recebi um convite de velhos amigos para jogar no campinho da esquina, no domingo à tarde.

Eu não queria, mas era a chance de encontrar os velhos amigos e, assim, matar a saudade. Então, lá fui eu para o famoso campinho.

Chegando lá, começaram as brincadeiras com antigos apelidos: chegou o “pé de princesa”, o “gato de botas”, mas não liguei (quase chorando). O juiz, que era o “Lasanha”, deu um assopro no apito, que quase me deixou surdo, nos chamando para entrar em campo.

Corri da bola, o primeiro e quase o segundo tempo todinho; mas, aos quarenta e cinco minutos, me “tacam” um lançamento que quase me fez chorar por dentro – de medo da bola.

Então, para a minha sorte, sentei-me num formigueiro, dei uma cambalhota e acertei a bola, disseram que foi um lindo gol, mas eu não pude vê-lo, pois desmaiei com medo da bola. Eu não contei isso pra ninguém, disse que foi a emoção do gol.

Hoje, jogo no time do Estado e, cada vez que a equipe está perdendo, a torcida grita: “Coloca o dez”. Então, eu entro, sento em cima de um formigueiro e, no lançamento, dou uma cambalhota, fazendo assim, o gol da vitória.

Maluco Beleza na Escola

Autora: Daiane Madeira Marques

Professora: Silvana Aparecida Valentim

Escola Estadual Padre Luiz Moreno

Nova Resende - MG

O menino “Maluco Beleza” estudava na Escola Municipal “Dona Cotinha”. Ele era um aluno muito brincalhão, e levava tudo na brincadeira mesmo.

Certo dia, a professora, Dona Marta, perguntou o estado que ele estava e ele falou:

- Estou no estado de preguiça, mas estou bão, bonito e beleza.

A professora ficou brava e a classe inteira começou a rir.

Nisso, a professora mandou “Maluco Beleza” se retirar da sala. E ele falou:

- Está bem Dona Marta, eu vou aproveitar e ir tomar água. Ela ficou furiosa, mas ele nem ligou pela bronca que recebeu.

Foi, então, que ele saiu da sala de aula dando gargalhadas e Dona Marta, muito encabulada, disse:

- Esse menino não tem jeito mesmo, vai ser sempre um maluco e acima de tudo uma beleza.

Esmeraldo e o dia difícil

Autora: Stephani Silva Tavares

Professora: Paula Cleonice Lafayette Vasconcelos

Escola Maria Auxiliadora Liberato

Caruaru - PE

Em um dia de muito tumulto no restaurante, o qual Esmeraldo trabalhava. Todas as pessoas estavam bem agitadas, pois o cozinheiro havia faltado exatamente, nesse dia, Esmeraldo estava a ponto de explodir com tantos pedidos e reclamações de que a comida estava ruim, fria, com muito ou pouco sal, com muita pimenta, sucos sem gosto e sem açúcar etc, etc, etc.

E, então, Esmeraldo havia percebido que uma pessoa chamava sua atenção, mas Esmeraldo estava ocupado demais, atendendo as outras mesas para poder atender aquele único e solitário cliente, que o chamava com uma cara feia. Quando as coisas começaram a se acalmar Esmeraldo pode, finalmente, dirigir-se até ele para atendê-lo e perguntou:

- Pois não, em que posso ser útil?

- Ah, finalmente o senhor pode me atender, depois de me deixar quase uma hora plantado, aqui, esperando-o. O que o senhor pensa da vida? Nossa, que atendimento péssimo deste restaurante. E o freguês continuou se lastimando:

- Como é possível uma pessoa ficar tanto tempo esperando para ser atendida? Isso é irritante! Ver as outras mesas serem atendidas, os pedidos chegarem (mesmo com atraso), mas chegarem. É como se eu adiantasse um filme, em que assistisse e não fizesse parte... realmente, eu não posso acreditar que esperei tanto tempo só para pedir uma garrafa de água mineral!!!

Nessa hora, o sangue do pobre Esmeraldo ferveu nas veias, pois mesmo com o restaurante um pouco mais calmo, ainda, assim, estava cheio e agitado, e ele ali perdendo tempo com um “cara” que só queria uma simples garrafinha de água.

Nisso, Esmeraldo respirou fundo e olhou bem dentro dos olhos do cliente que aguardava alguma resposta que pudesse esclarecer a injustificável falta de atenção, por parte do garçom que, cnicamente, pegou o seu bloquinho de papel e perguntou:

- Gelada, fria ou natural?

O cliente, desapontado com aquela “resposta”, falou:

-Fria.

Em seguida, Esmeraldo, com nervos de aço, foi buscar a tal garrafinha de água fria; mas, quando voltou, para seu espanto, não havia mais ninguém naquela mesa, e tão somente um bilhetinho maldoso que dizia:

- Te peguei, seu mané imbecil, ah, há, ah...!!!

Esmeraldo, com toda a educação do planeta, pegou o papelzinho amassou e o jogou no cesto de lixo e, depois, calmamente, desabafou:

- Nossa, que dia difícil!

Lampião de Araque

Autora: Lídia Duarte Ferreira

Professor: Domingos Mafra Sousa

Unidade Integrada Osvaldino José de Sousa

Bacabeira - MA

Há quem diga que o espírito de Lampião encarnou em José e, por ter fama de ser corajoso, recebeu o apelido de Zé Lampião. Zé, contava que já tinha enfrentado 5 tigres, que lutou com o homem mais perigoso da cidade onde morava e entre outras histórias de valentia. Porém, tem um detalhe: ninguém sabia era que essas histórias eram falsas.

Quando algo acontecia, no lar das famílias, as mulheres se atiravam nos braços do falso Lampião, esquecendo-se dos maridos, e eles tinham raiva e inveja de Zé, porque em tudo eram comparados a ele, além de terem de aguentar à noite, elas, durante os sonhos noturnos, sussurrarem, o nome corajoso Zé Lampião.

Um dia, chegou àquela pequena cidade um grupo de marginais e o líder, com cara de perverso, apontava sua arma às pessoas e indagava:

- Quem vai ser o primeiro cabra safado a morrer?
- Não nos ma-mate por fa-favor, nós somos uns covardes
- disse um homem já gaguejando, só de medo.

Depois, adiantou:

- Mas e-existe, aqui, um tal de Zé Lampião que desafia até o diabo e, como você parece com o capeta...
- Cala essa boca, seu medroso e vai chamar esse cabra – disse o valentão.

Ouvindo isso, Zé sai correndo, que nem louco, rumo à cachoeira. A polícia chega e prende os bandidos. O Zé só aparece depois de dois dias:

- Poxa, Zé, desacreditei! Você é mesmo um Lampiãozinho de araque, isso sim! Não veio, aqui, nem pra ajudar a gente... seu medroso – disse uma mulher.

- Eu não sou super-homem para ajudar ninguém – disse Zé – mais vale um medroso vivo do que um corajoso morto.

“Maluco Beleza”, o conquistador

Autor: Wemerson José da Silva

Professora: Claudia T. Costa

Colégio Governador André Franco Montoro

Santana de Parnaíba - SP

O “Maluco Beleza” estava passeando com seu carro e, ao passar pelo ponto de ônibus de sua cidade, ele parou viu uma mulher triste, ao lado de um carro, com o pneu furado. Então, ele parou seu veículo e falou:

-Não se preocupe eu vou trocar o pneu furado.

-Mas...

-Não fale nada eu faço questão.

Mulher, parada, ficou sem entender nada. Nisso, “Maluco Beleza”, depois de trabalhar muito, pensando que iria ganhar algo além de um simples muito obrigado, jogou seu charme pra cima da mulher, a fim de conquistá-la.

- Você é linda!

Quando, de repente, veio o ônibus, a moça entrou no coletivo e o galanteador ficou só vendo ela se afastar. Quando chega o dono do carro, fala:

- Poxa! Você trocou o meu pneu!

- Muito obrigado.

“Maluco Beleza”, sem entender coisa nenhuma, fala:

- Como? Este é o seu carro?

- É sim, por quê?

- Por nada.
- Poxa, você trocou com seu estepe.
- É...

Assim, “Maluco Beleza” pegou o seu próprio carro e seguiu seu triste caminho, totalmente inconformado com aquela situação constrangedora.

A prece do Zé Pinguinha

Autor: Patrício de Jesus Quaresma de Vilhena

Professor: Francisco José Maués Ferreira

E.E.F.M. Professor Leônidas Monte

Abaetetuba - PA

Na minha rua, temos uma figura bem divertida, o popular “Zé Pinguinha”. Ele é careca, baixinho e moreno, vive bebendo e é sempre pinga. Seu andar é cambaleante, mas a garrafa da pinga não lhe sai da mão: de vez em quando, um gole. Entra em uma festa só pra beber e, quando vê um bar, vai logo sentando à mesa de pessoas que ele nem conhece e começa a beber.

Certo dia, num bar, Zé bêbado como sempre, pôs-se a fazer gracinha para uma garota que estava em frente à casa. O irmão dela viu e veio tomar satisfação:

- Que é que tu estás falando pra minha irmã?

Vai embora, senão eu te dou uma surra que nunca vai esquecer.

- Eu não estou fazendo nada, mas se queres brigar, vem, vem...

- E, quando o irmão da garota veio, o Zé se ajoelhou na frente dele e disse:

- Senhor, tira a cachaça de mim, paga a conta do bar e leva esse gigante daqui.

O Primeiro soco que o irmão da garota deu nele foi tão forte que ele desmaiou. Depois de algum tempo, ele acordou, no hospital, e disse: “Obrigado Senhor, por ter me livrado do gigante. Agora, é só o senhor pagar a conta do bar, para que eu possa fazer outra maior. Pois, eu disse ao senhor tira a cachaça, mas não a cerveja”

“Maluco Beleza” no Hospital

Autora: Nayara Priscila Amorim

Professora: Jeanette N. Fukushima

E.E. Prof. José Sergio Pereira

Itapevi - SP

Tudo começa na casa do maluco mais conhecido do bairro, Ciro, o popular “Maluco Beleza”, que tem um péssimo vício: apelidar as pessoas. Porém, naquela tarde, o cara estava endiabrado. Apelidava todo mundo que passasse por frente de sua janela.

Resolveu sair, mas aconteceu um acidente. Levou um tombo machucou o braço, imediatamente, foi ao hospital. No setor de emergências, o médico, após examiná-lo, atentamente, o encaminha à enfermaria, a fim de que seu braço seja engessado, além de ser medicado para aliviar a dor.

Mas, quando adentrou a enfermaria, que susto! A enfermeira era uma tal de Izildinha, que falou:

- Pois não, bode velho, cadê a sua receita, gambá?!

- Que isso, a senhora ficou louca, onde já se viu uma enfermeira tratar seus pacientes por apelidos?! Respondeu “Maluco Beleza”, indignado com aquela situação esdrúxula.

A enfermeira, com ares de felicidade, estava se vingando, concluiu:

- Lembra-se que você me chamou de “velha coroca”, ao passar na frente de sua casa esta manhã?! Viu como é gostoso

apelidar aos outros, não é mesmo?!

“Maluco Beleza” engoliu em seco e nem levantou os olhos na direção a enfermeira, ao experimentar do seu próprio veneno.

Dentinho e o “Maluco Beleza”

Autora: Mickaela Alves dos Santos

Professora: Jeanette N. Fukushima

E.E. Professor José Sérgio Pereira

Itapevi - SP

Dentinho levanta bem cedo para trabalhar. Vende Chicletes, balas e chocolates e outras guloseimas, pelas ruas, o dia todo e chega tarde da noite em casa

Ele sonha com carro, belas mulheres, casa bonita e muito dinheiro, mas é apenas um sonho. Um belo dia, “Maluco Beleza” vê aquele garoto trabalhando e procura se aproximar dele. Então, começa a conversa. “Maluco Beleza” perguntou: Qual era o nome e idade do garoto e se tinha família, onde morava, se estudava...quase um interrogatório completo.

Dentinho respondeu a todas às perguntas, mas “Maluco Beleza”, indignado, ao saber que o garoto não estudava, aconselhou-o:

- Dentinho, volte a estudar, a escola é muito importante em nossa vida.

- Não posso, quem vai ajudar os meus pais? Respondeu Dentinho, triste com sua situação.

- Olha, eu tenho um amigo que trabalha de garçom, o Esmeraldo, fiquei sabendo que eles estão precisando de um recepcionista durante a tarde. E é com carteira assinada, trabalha 3 horas por dia, (Explicou Maluco Beleza)

- Será que vai dar certo? (os olhos de Dentinho brilhavam com a ideia).

- Sem esquecer, que você voltará a estudar, vamos conversar com seus pais. Hoje mesmo, vou te levar ao restaurante, não se preocupe que, a partir de agora, nasceu uma amizade e eu vou te ajudar.

E, assim, que aconteceu, Dentinho voltou a estudar e, como tinha feito 16 anos, o dono do restaurante o contratou. Desse modo, Dentinho e “Maluco Beleza” que se regeneraram e ficaram amigos.

A realidade do mundo

Autora: Maressa Karoline dos Santos Moraes

Professor: Amorésio Duarte Santana

E.E. Estevão de Mendonça

Guiratinga - MT

Certo dia, Luandécia e seu irmão mais novo, Esmeraldo, foram passar as férias na fazenda de seus avós. Chegando lá, seu irmão percebeu uma grande diferença no ambiente. Na fazenda, era mais fresco e o ar mais puro e agradável, diferente da cidade.

Luandécia, então, disse:

- Meu irmão, você sabia que o desmatamento ilegal acontece pela ganância do homem pelo dinheiro. Com isso, está acontecendo o aquecimento global, que prejudica todos os seres vivos?

Nisso, Esmeraldo falou:

- Mas, maninha, porque isso acontece, também, pela arrogância que mais prevalece nas pessoas, principalmente nas que mandam no mundo. O desmatamento ilegal é um dos colaboradores para que isso ocorra cada vez mais.

E o garoto acrescentou:

- Mas tem tantas árvores no planeta!

Luandécia, por sua vez, completou: Sem árvores não tem ar no planeta e, com o desmatamento, as árvores estão acabando, com isso, acontece o aquecimento global. Você não vê nas notícias dos jornais que a camada de ozônio já está abrindo uma cratera por causa do aquecimento global?

Depois dessa fala, seu irmão saiu para brincar e, como estava

demorando, Luandécia foi procurá-lo e viu atirando em um passarinho. Rapidamente, ela disse:

- Mas, maninho! Ele não está te fazendo mal, então, não tem motivo para matá-lo; é, por isso, que muitas espécies estão em extinção. Por causa disso, tem muitas pessoas matando os animais como você!

Esmeraldo defendeu-se:

- Mas, todos os meus coleguinhas também caçam pássaros.

Em defesa da natureza, Luandécia foi enfática: - Se eles pularem de uma ponte, você vai pular também?

Esmeraldo responde: - Não!

Luandécia, complementa: - Então! Quem vai, na cabeça dos outros, é piolho, pense bem nas coisas que você anda fazendo.

Esmeraldo e Luandécia foram passear em outra fazenda, e lá moravam posseiros.

Passando perto de um rio, onde havia peixes mortos por causa de tanta poluição. Nisso, Esmeraldo, espantado com o que viu, pergunta a Luandécia:

-Por que acontece isso maninha?

Luandécia, com sua sabedoria, responde: - Isso acontece por causa das indústrias, que jogam os restos dos produtos químicos nos rios sem pensar seriamente nas consequências e isso acaba prejudicando os rios e a saúde da população.

Depois de tantas explicações que Luandécia deu ao seu irmão, eles voltaram para fazenda. Almoçaram e, logo depois, voltaram para a cidade.

Ao chegar lá, contaram tudo para seus pais sobre o que está acontecendo com nosso planeta. E seus pais ficaram muito orgulhosos, porque Luandécia ensinou o que é correto ao seu irmão.

A Filha do “Tira o Dez”

Autora: Jacqueline Martins Pereira

Professora: Geralda P. C. Maia

Escola Estadual Dr. Belém

Bela Vista de Goiás - GO

Meu pai era conhecido por ser ruim de bola e sempre fugia, quando os amigos o chamavam para jogar.

Cresci pensando nisto: sou filha de um cara que dá desculpas para não jogar futebol! Isso me envergonhava.

Então, resolvi mudar a história de minha família, jogando vôlei. Mas, sei lá, acho que saí a meu pai, porque também sou um pouco ruinzinha.

Sempre que tinha jogo, na escola, estava lá eu querendo participar, só que me pôr em quadra era uma perda de tempo.

No entanto, eu era sempre escolhida pelo melhor time, mas isso não ajudava em nada, já que sempre fazia o time perder, por isso, ganhei o apelido de “13”.

Quando o jogo começava, quem estava assistindo gritava “A 13” não, “tira a 13”. Eu, tentando mudar isso, dava o melhor de mim, tentava várias coisas, mas nada dava certo. Quando eu entrava, o melhor time se tornava o pior.

Já estava trançado o destino da família e eu, assim como o meu pai, virei à vergonha da família. Depois do “Tira o Dez”, veio eu, o “Tira a 13”. Isso era mesmo a sina da família.

Depois do último jogo, passei a fazer como meu pai. Sempre que tinha jogo, eu arrumava uma desculpa.

Era sempre “Tô com o pulso doendo” e era sempre assim. Mesmo sem jogar, ainda tem quem vem e fala “Tira a 13”!

Dentinho, o “sem-terra”

Autor: Natalycio Lucas Alves Mouzinho

Professor: Antonio Gomes Pereira Júnior

E.M. Prof^a Maria Madalena de Pontes Rodrigues

Itambé - PE

Dentinho, sol escaldante, quase passando mal por causa do mormaço do meio-dia, maneja cuidadosamente seu facão, rápido como uma máquina. Ele vive de cortar cana-de-açúcar para sobreviver. Assim, segue a rotina diária do duro trabalho para ganhar o pão, das 4 horas da manhã às 5 horas da tarde. Quando chega a sua humilde casa, nem sempre tem o que comer e, tomado pelo cansaço, sem alternativas, vai se deitar. Para aliviar seus desgostos e viajar em seu mundo, ele sonha.

Sonha que estuda em uma bonita escola, que sabe ler, escrever e contar. Sonha que tira as melhores notas no ENEM para ingressar na universidade.

Agora, sonha que estuda Medicina e se torna o melhor cirurgião do vale do Paraíba do Norte. Sonha que, com o dinheiro de seu salário, compra uma casa boa para sua família, monta uma clínica e emprega seus irmãos.

Sonha que ajuda seus pais e irmãos mais novos a terem uma vida decente. Sonha que faz novos estudos, sempre mais avançados, e que acumula muito dinheiro e, assim, compra a usina que tantos seus familiares trabalharam. Sonha que, no comando, ameniza o trabalho estafante que seus antigos colegas.

Mas, logo é acordado pelo barulho do jumento amarrado, ao lado da casa, e pela ventania fria da madrugada que passa

facilmente pelas frestas das paredes de sua casa de taipa. Ele mal consegue se agasalhar com os poucos e finos lençóis remendados.

Desse modo, acorda e vai, novamente, para o corte da cana, até o fim da safra, quando ajuda seu pai a trabalhar em roçados alheios, em troca de R\$ 14,00 diários, ou catar latinhas nas ruas, sobretudo, em dias de festas na cidade.

Hoje, Dentinho é perseguido pelos latifundiários e pela polícia, habita as tendas à beira das pistas ou em propriedades alheias. Ele é conhecido pela imprensa como agitador do movimento dos “sem-terra”.

E se o Mundo acabasse?

Autora: Lígia Berto Pinto

Professora: Simone Loner

E.E. Sérgio Millet da Costa e Silva

Santo André - SP

Começou aquela neura de novo. Talvez, fosse o filme ou, quem sabe, os livros; mas o fato é que o ano de ‘2012’ chegou e todos estavam assustados novamente.

Homens pediam perdão às mulheres, meninas devolviam as maquiagens das mães e lá estava eu fazendo perguntas pra minha filha e dando enroladas respostas para minha mulher.

Padre Gumercindo fez um chamado: todos deveriam ir à missa, naquela noite, e doar tudo o que tivessem para que, quando o fim chegasse, as portas do paraíso estivessem abertas para todos.

De noite, a igreja estava cheia. Chiquinho estava lá e levou o dinheiro da venda dos pássaros recém-adquiridos. Roberval tinha ido com a carteira recheada, devido ao empréstimo que fez, naquela tarde, a fim de conquistar um “lugarzinho” no paraíso. Assim, inúmeras doações foram feitas e as carteiras esvaziadas.

A única mudança drástica que houve se deu com a igreja que, antes ficava de portas abertas, agora estava toda fechada. Vendo esse estranho fato, Mamelão veio ao meu encontro e me informou:

- O único que vai dormir no caminho do céu, hoje, é o padre, que pegou nosso dinheiro, fugiu e foi fazer um cruzeiro chamado “Paraíso”.

Inveja

Autora: Daiana Aparecida Carneiro da Cruz

Professor: Rodrigo Gonçalves Amaral

Escola Municipal Dona Maria do Carmo Álvares da Silva

Morada Nova de Minas - MG

Há algum tempo que eu moro num sítio, perto da cidade. Agora, sempre venho à escola de micro-ônibus; mas, quando morava, na cidade vizinha, ia sempre de bicicleta.

Gostava muito, pois sempre adorei andar de bicicleta e, toda vez que eu ia embora, sempre via um casalzinho namorando. O “cara” era extremamente lindo, de olhos azuis, corpo musculoso. A menina era magra e também bonita.

Sempre que passava, os dois estavam lá. Confesso que até me dava um pouco de inveja, pelo modo como ele a tratava, era com tanto carinho, com tanto amor, e ele era perfeito, maravilhoso.

Num dia, eu vi rapaz com outra garota, perto de um posto, estavam se beijando, pensei que ele e sua namorada tinham terminado; mas, no dia seguinte, ele estava lá com ela.

Depois disso, já o vi com outras garotas. Bom, depois de tudo isso, acho que minha inveja simplesmente passou.

Nem tudo o que queremos, conseguimos.

Autora: Letícia Cristina Soares da Silva
Professora: Simone Alves P. Muniz
Escola Municipal Prefeito Jamil Sabiá
Petrópolis - RJ

Seu nome era Eduarda, mas todos a chamavam de Linda. Ela era uma menina alegre, sempre sorridente, todos de seu bairro a conheciam. Ela morava na Zona Norte, de São Paulo, em uma comunidade muito humilde. Estudava e trabalhava para se sustentar.

Linda tinha apenas 12 anos e era muito sonhadora, esforçava-se muito e nunca perdia a esperança de ser uma vencedora na vida. Ela ficava horas e horas pensando em como ajudar as outras crianças carentes da sua comunidade.

Linda sonhava que, quando crescesse, adotaria muitas crianças órfãs iguais a ela. Sonhava em ver um mundo diferente, um mundo justo, em que não houvesse armas, drogas e crianças jogadas pelas ruas, sem qualquer cuidado e que, infelizmente, são vítimas da violência urbana. Sonhava, também, que conseguiria mudar o coração das pessoas, que transformaria as pessoas ruins em pessoas boas.

Mas, seu sonho não passou de pura ilusão. Ela conheceu

duas meninas que foram morar em seu bairro e, em pouco tempo, elas começaram influenciá-la a usar drogas; mas Linda estava passando por momentos difíceis em sua vida e, com medo de dizer não, aceitou sobre muita pressão.

Sua primeira vez foi estranha; mas, depois, não conseguiu mais parar de usar, pois Linda era muito nova e inocente, assim não conseguia perceber a real intenção das meninas.

Elas estavam fazendo isso porque viram que Linda era guerreira e tinha tudo para crescer na vida. Mas, quando Linda percebeu, já era tarde e não tinha mais jeito, ela não conseguia mais deixar o mundo das drogas.

Porém, o tempo passou e seus sonhos não foram realizados, tornaram-se projetos frustrados de vida. Hoje, saiu nos jornais: menina foi presa por traficar, roubar, usar e revender drogas para traficantes perigosos.

Remédio para a Alma

Autora: Maiza Batista da Silva

Professora: Andréia Pereira Flores

Escola Municipal Alcides Cordeiro

Condeúba - BA

Izildinha era uma garota que vivia sempre só pelos cantos. Sempre deprimida e sem uma perspectiva de vida. Na escola, quase não tinha amigos. Até que conheceu Luandécia e Magrão. Eles se tornaram grandes amigos. Foi, então, que Izildinha compreendeu que o ser humano não pode nem deve viver isolado. Ninguém é uma ilha, pois a solidão provoca doenças às pessoas.

Assim, Izildinha e seus amigos estudavam juntos, saíam juntos e curtiam a vida juntos. Eram realmente inseparáveis. Era bonito observar a amizade entre eles.

A fisionomia de cada um era linda, sempre de bem com a vida. Cumprimentava a todos sem preconceito. Todos gostavam da presença deles. E, assim, era prazeroso conversar com eles, era uma terapia, a terapia da alma.

O diálogo, a amizade e o amor são remédios tão necessários à humanidade. Assim, todo ser humano deve buscar esses medicamentos e curar a alma. Dessa forma, a humanidade será outra.

A Mudança do Dentinho

Autora: Francisca Zulmira de Sousa Diniz

Professora: Leila Patrícia M. Carvalho

Escola Antônio Francisco da Silva

São Gabriel - BA

Nas noites frias da cidade, Dentinho procurava um lugar confortável para passar aquelas noites tão longas. É claro que jamais ele encontraria um lugar tão aconchegante quanto um lar, mas poderia encontrar algo como um cantinho de parede, em que pudesse, pelo menos, amenizar aquela triste situação, porém, o destino tinha lhe reservado uma surpresa.

Dentinho caminhava de cabeça baixa, quando ouviu alguém dizer:

- Levanta a cabeça garoto, porque está tão triste? Ele tomou um susto, achou que era algum pilantra que lhe queria fazer mal e, de repente, começou a correr e o homem falou:

- Espere, eu não vou lhe machucar. Então, ele viu que aquele senhor parecia ser gente boa. Nisso, Dentinho perguntou?

- O que o senhor quer comigo?

O homem falou:

- Só quero te ajudar.

Assim, o homem levou Dentinho a uma igreja, depois o convidou para ir até a sua casa.

No início, o garoto ficou meio receoso; mas, mesmo assim, aceitou o convite.

A partir daquele dia, a vida daquele garoto solitário começou a mudar, pois ele foi adotado por uma família muito rica e todos os seus sonhos começaram a se realizar.

Casa de Praia

Autor: Lucas Oliveira Silva

Professora: Elineuza Matos de Oliveira

Escola Rosimiro de Abreu

São Gabriel - BA

Um dos meus sonhos de infância era ter uma casa na praia. Na minha cabeça, não existia coisa melhor do que uma bela casa na praia.

Aos 19 anos de idade, arrumei o meu primeiro emprego, fiz algumas economias e, então, realizei o meu sonho, comprei uma casa numa linda praia. Na verdade, não era bem uma casa, mas um quartinho com banheiro nos fundos da casa de alguns conhecidos.

Um dia, véspera de feriado, ouço uma grande barulheira na frente de minha casa, parecia que o mundo estava acabando. Em meio aquele alvoroço, reconheci algumas vozes, era um primo meio afastado, que não falava comigo há quase seis anos, tudo isso porque prometi pegá-lo no trabalho, pois o carro dele estava quebrado; mas, como o trânsito estava infernal, eu me atrasei um pouco.

Porém, voltando ao assunto, esse tal primo decidiu que iria passar o feriado comigo e trouxe toda a família: a esposa, quatro filhos, sogra, sogro e um cunhado dele. Imagine só que confusão, dez pessoas em um quarto com, no máximo, cinco metros quadrados.

E o pior é que ele disse que tinha ficado desempregado e não tinha como ajudar nas despesas. Como eu ainda tinha algum dinheiro guardado, banquei tudo sozinho, só para não

ser mal educado.

Quando acabou o feriado, eu já estava ficando louco com aqueles velhos resmungões e aquelas crianças bagunceiras, que dormiam o dia todo e, à noite, como estavam sem sono, faziam a maior bagunça. Resultado, quase endoideci com aquela situação.

Assim, não deu outra, vendi minha tão sonhada casa de praia pela metade do preço e fui morar com a minha mãe.

A mudança de Esmeraldo

Autor: Leonardo Cocco Oliveira

Professora: Eliane Aparecida N. Henriques

Escola Municipal Dona Sabina Lazarim Prati

Campo Verde - MT

Esmeraldo era um garçom muito mal-humorado e antiético, além de ser mal-educado com todos, inclusive com seu chefe, por isso, era sempre demitido dos restaurantes, pois seu jeito espantava os clientes.

A cada dia que se passava, Esmeraldo ficava mais estressado, por não conseguir um bom emprego, já que a cidade era pequena e tinha poucos restaurantes e ele já havia trabalhado em quase todos.

Esmeraldo percebeu, também, que seus amigos estavam se afastando dele e isso o deixava deprimido. Então, ele finalmente percebeu que já estava na hora de mudar de comportamento e ser mais tolerante com as pessoas, porque se continuasse intransigente, não chegaria a lugar nenhum. E o que é pior, ficaria sozinho.

No dia seguinte, Esmeraldo até parecia outra pessoa, estava calmo, educado e de bom humor e, a partir daquele dia, prometeu a si mesmo que iria ser desse jeito.

Aos poucos, foi reconquistando seus amigos e, também, fazendo novas amizades, não discutia mais com os clientes e muito menos com seu chefe.

Mas, houve um dia que ele quase agiu de forma errada, porque um cliente estava o deixando quase maluco e, quando ele ia perder a paciência, lembrou-se do que havia prometido a si mesmo, então, respirou fundo, acalmou-se e conversou tranquilamente com o cliente, resolvendo a situação amigavelmente.

A partir daquele dia, Esmeraldo percebeu que a vida é muito mais fácil, quando se é tranquilo, bem-humorado e educado com as pessoas, pois são as nossas atitudes que fazem a diferença em nossa vida, somos nós que escolhemos se vamos ser felizes ou não.

Um bom goleiro

Autor: Luiz Gustavo Aguiar dos Santos

Professora: Amélia Rosana

Colégio Estadual Marcílio Dias

Itambaracá - PR

Sempre fui bom no gol. Até mesmo no curso primário, quando era o primeiro a ser escolhido nas peladas, durante o intervalo das aulas, na escola Municipal “João Paulo II”, aqui, na cidade de Itambaracá, essa simpática cidadezinha, no norte paranaense.

Os ruins em campo iam para o banco de reservas, eu não. Eu era muito bom, reconheço. No país do futebol, é importante saber lidar com a bola.

Mas, o tempo foi passando, eu continuava catando no gol no time do Veião, nosso honrado treinador e professor. No dia 2 de julho, estávamos goleando o time de Bandeirantes (uma cidade vizinha), por 6x0, no primeiro tempo. No intervalo, quis sair, mas meus companheiros falaram para mim: “Fica! Fica!” E eu fiquei e, mesmo contundido, joguei o segundo tempo todo.

Outro dia, num churrasco de final de ano, resolveram formar times para um bate-bola, eu falei que não ia jogar, porque tinha disputa, no dia seguinte, mas meus amigos insistiram e eu acabei aceitando jogar.

Enfim, lá estava eu catando no gol pro time de camisa, e nós ganhávamos de 7x2, e era jogo que não valia para campeonato, não valia pontos, jogo de brincadeira entre amigos.

É o que eu digo: no país do futebol, é importante lidar com a bola.

Esmeraldo leva um grande susto

Autora: Aline Zilio

Professora: Eliana Eblving

E.M.E.F. João Corso

Serafina Corrêa - RS

Esmeraldo estava passeando com sua mulher e seus filhos em uma praça no centro da cidade. Estavam todos sentados em um banco próximo a belas e coloridas árvores, o que trazia maior contato com a beleza natural, um lugar extremamente tranquilo.

Apesar da linda paisagem, a cidade era grande e o corre-corre, do dia a dia, era intenso. Logo, ao lado do banco de Esmeraldo, havia uma grande joalheria.

Quando tudo parecia estar calmo, de repente, dois jovens, em uma moto, desceram armados e começaram a assaltar a joalheria. Uma funcionária da loja foi rápida e conseguiu avisar a polícia.

Quando a polícia chegou, os assaltantes, vendo-se cercados, pegaram Esmeraldo como refém. Ele ficou muito assustado e com medo de que algo ruim pudesse acontecer. Por sorte, os policiais conseguiram negociar com os assaltantes que soltaram o refém.

Esmeraldo, por fim, conseguiu sair sem nenhum ferimento. Com isso, ele aprendeu que, apesar das exuberâncias da natureza, a violência está tomando conta de nossas cidades.

“Maluco Beleza” vai à praia

Autor: Kevin Mendonça Ulian

Professora: Lúcia Helena M. P. Santos

EMEF Ângelo Scarin

General Salgado - SP

Em um dia ensolarado e bem quente, *Ciro (Maluco Beleza)* resolveu ir à praia, assim, pegou a sunga, bermuda, prancha e chinelo, roupa tradicional praieira.

Ao chegar, encontrou seus amigos que estavam a sua espera para “pegar uma onda”. “Maluco Beleza” disse:

- Vamos logo, que estão esperando?
- Espere aí, *Ciro*, vamos passar protetor solar?
- Não obrigado, eu não vou me demorar muito na água e, também, o Sol nem está muito forte!
- Mas, é sempre bom se prevenir!

E “Maluco Beleza” nem aí, foi correndo para água. As pessoas ficaram impressionadas com suas manobras. Um surfista desconhecido chamou *Ciro* e disse:

- Aí “brother”, por que não participa do campeonato de surf de amanhã? Tu levas jeito, cara, pode até ganhar!
- Aí “Esquisito 23”, eu “tô” a fim de participar, mas onde faz a inscrição?
- Fica “relex”, a inscrição é na hora do campeonato.
- Então, “beleza”, amanhã, eu estarei aqui. Valeu brother!”. “Maluco Beleza” estava empolgado para o campeonato e

criava um apelido a todo mundo que via.

A maioria das pessoas estava queimada do Sol, e você acha que ele não aproveitou a ocasião, pois apelidou a todos, um de “camarão loiro”, “camarão de chapéu”, “camarão de óculos” etc.

No outro dia, “Maluco” foi ao campeonato, fez a inscrição e correu para água (e sem protetor solar). Fez suas manobras, mas o “Esquisito 23” era melhor do que ele e deixou Ciro de boca aberta. Então, o “Esquisito 23” venceu, “Maluco Beleza” saiu da água decepcionando e, além disso, todo queimado, vermelhinho, sendo o primeiro “camarão surfista”.

“Maluco Beleza”, o menino dos apelidos

Autora: Talita de Oliveira Ventura

Professora: Jandira Barreto dos Santos

E.E. Municipalizada Prof^o José Pinto de Sousa

Santo Antonio de Pádua - RJ

Certo dia, “Maluco Beleza” estava andando de bicicleta em frente a sua casa e, para os lados que olhava e via uma pessoa, dava-lhe um apelido.

Andando pela praça, ele viu uma menina linda e lhe deu o apelido de “Cinderela”. Todos os dias, ele ia à praça para ver “Cinderela”. Um dia, ele ficou sabendo que ela tinha um namorado e o apelidou de “Pé-Grande 3”.

Numa certa manhã, “Maluco Beleza” estava andando de bicicleta e, quando viu o “Pé-Grande 3”, gritou:

- Saia da frente “Pé-Grande 3!”

O rapaz saiu da frente, mas “Beleza” bateu em uma árvore. Depois, “Pé-Grande 3” foi tirar satisfações com “Maluco Beleza”, que falou:

- “Desculpe-me, Pé-Grande 3”.

Então, “Pé-Grande 3” quis saber o porquê de tal apelido, e “Maluco” disse, rindo, que o pé do menino era grande demais e, depois, saiu correndo.

Nisso, dá de cara com o garoto que apelidara de “Maguila”. Assim, “Pé-Grande 3” e “Maguila” chegaram perto do “Maluco Beleza”, a fim de lhe dar uma boa surra. Então,

“Maguila” falou:

- Sorte sua, garoto, que não estou com aquela tesoura, senão iria acabar seu cabelo todo.

Então, “Pé-Grande 3” acrescentou:

- Sorte sua eu não estar de bicicleta, senão eu iria passar com ela por cima de você... Naquele momento, a menina linda que “Maluco” apelidara de “Cinderela” chegou e disse aos dois:

- Vocês dois, soltem esse maluco.

Eles o largaram e foram embora. E, então, “Maluco Beleza” saiu com a menina e começou a namorá-la, mas não perdeu a mania de por apelido nas pessoas e sempre arranjava confusão com todo mundo.

Zé Pinguinha e Luandécia

Autora: Priscilla Alves Vilela
Professora: Maura F. de O. Borges
Colégio Estadual Josino Silva
Amaralina - GO

Zé Pinguinha era um homem feio de morrer e, como se isso não bastasse, também era gago. Em um sábado, ele chegou com seu amigo Orlei, lá no bar do “Trok Tapa” e resolveu dar uma de pegador, dar uma de “garanhão”. Mas, como sabia que não iria chamar atenção com sua bicicleta, caprichou no cabelo e fez um topete enorme.

Pedi uma cerveja e se encostou perto de uma mulher, que era muito alta e bonita, mas não sabia se ela era perfumada, pois era alta e o cheiro dela passava por cima dele, que era bem baixinho.

Nisso, tentou fazer uma gracinha com ela; mas, por falta de sorte, a grandalhona era comprometida com um moreno alto e forte. Assim, Zé Pinguinha acabou levando um soco e, com raiva, começou a gaguejar: “sasasai dass frente que eu eu vou vou eeemboraaaa”.

Então, pegou a bicicleta que tinha “pisca-alerta” e até buzina, desceu a ladeira e foi embora, só não sabia se iria para casa, porque sua mulher era daquelas barraqueiras e fortes.

Ele estava com medo e resolveu que iria enfrentá-la assim mesmo e, então, foi todo cheio de coragem. Bateu na porta

e deu um grito:

- Luandécia!

- O que é que foi!?

Nessa hora, acabou a coragem, ele sentiu calafrios, tremeu as pernas, sentiu até um pouco de falta de ar, só de imaginar aquele cabo de vassoura na sua cabeça. Então, ele começou a falar:

- Aaamor meme desculpe pelos meus erros teteamo mumuito!

Sua mulher não acreditou muito, mas o livrou de uma surra daquelas, até porque estava meio sem dinheiro e os hospitais públicos estão com as enfermarias lotadas.



Desmistificar o slogan “o brasileiro não gosta de ler”. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar os projetos de leitura **Encontro com o Escritor**, **Ler é Bom**, **Experimente!**, **Lendo na Escola**, **Leitura no Parque**, **Viajando na Leitura**, **Dose de Leitura**, entre outros.

O projeto **Encontro com o Escritor** tem como base o empréstimo de seus livros a adolescentes do ensino fundamental a partir da 5ª série, seguido de um concurso de redação e o encontro com o escritor para um bate-papo.

No projeto **Ler é Bom**, **Experimente!** são doados lotes de 38 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos como ônibus e metrô e é executado em parceria com empresas de transportes coletivos.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na distribuição ou venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e o público em geral nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor, em parceria com as Secretarias de Educação e de Cultura dos municípios.

O projeto **Minha Cidade Lê** objetiva incentivar o hábito da frequência à biblioteca pública. Com a participação de voluntários é colocado um livro em todas as portas das casas da cidade. Após a leitura, o morador a trocará por outra obra do autor na biblioteca local.

Correspondências
CAIXA POSTAL 24.593
03563-970 - São Paulo - SP
E-mail: laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Encontro com o Escritor
Ler é Bom, Experimente!
Lendo na Escola
Leitura no Parque
Viajando na Leitura
Dose de Leitura
Caravana da Leitura
Minha Cidade Lê
Leitura não tem Idade
Dia do Livro

no site:
www.projetosdeleitura.com.br



(11) 2743-8400 - 2743-9491
E-mail: ecoarte@ecoarte.com.br

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.